

GARANTIAS DE SEGURANÇA PARA A UCRÂNIA

Por Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A frente de combate na Ucrânia se intensifica, com ataques e complexas operações militares russas; longe da paz, o apoio ocidental a Kiev cresce, enquanto a Turquia busca papel mediador em meio às incertezas persistentes.

Segundo a TASS, os últimos acontecimentos na frente de combate são os seguintes: “Kiev intensifica ataques contra território russo após a cúpula do Alasca.” Eles relatam: “A Ucrânia aumentou o número de ataques contra território russo após a cúpula russo-americana realizada em 15 de agosto no Alasca, e o número de ataques contra alvos civis aumentou de 300 para 430 por dia”, disse Rodion Miroshnik, embaixador-geral do Ministério das Relações Exteriores da Rússia para crimes cometidos pelo regime de Kiev, à Izvestia.

Ele continua: “Antes da cúpula do Alasca, sofriamos cerca de 300 ataques diariamente. Posteriormente, o número subiu para 400 e, às vezes, para 420-430. O número de vítimas também aumentou devido ao aumento de ataques maciços de drones. Cerca de 90% das vítimas são vítimas de drones. Em Donetsk, 21 pessoas ficaram feridas em um único ataque HIMARS, observou o diplomata”, segundo a agência de notícias russa TASS.

Em nossos pampas, com grande precisão profissional, nosso camarada argentino, coronel Fernando Duran, nos atualiza: “Situação Operacional: A Rússia mantém seu Esforço Operacional Principal Ofensivo na direção de Pokrovsk (com um ataque principal pelo nordeste e um ataque secundário pelo sudeste, buscando consolidar forças do Comando Operacional Central para cortar as comunicações ucranianas com Pokrovsk, provavelmente em Mezхова-Slovianka-Dobropilla, e também para poder interditar o nó logístico de Pavlogrado pelo fogo) com o objetivo de aniquilar as forças

ucranianas naquela cidade. Este Esforço Operacional Principal é apoiado pelos Esforços Operacionais Secundários dos Comandos Operacionais Leste e Sul.

O Comando Operacional Leste, ao sul de Pokrovsk, está atacando na direção de Gulyaipole para proteger o flanco sul do Esforço Operacional Principal. O Comando Operacional Sul, ao norte de Pokrovsk, tem quatro eixos de avanço, um na direção de Dobropilla-Kramatorsk; outro na direção de Chasov Yar-Konstantinivka; o terceiro na direção de Toretsk-Konstantinivka; e o quarto na direção de Siversk-Sloviansk, constituem um Esforço Operacional Secundário Ofensivo para proteger o Esforço Operacional Principal na direção de Pokrovsk de contra-ataques que os ucranianos possam lançar de Kramatorsk-Sloviansk.

Além disso, este Esforço Operacional Principal é apoiado pelos Esforços Operacionais Secundários Ofensivos em Kupyansk-Lyman, com o Comando Operacional Ocidental, e Sumy-Belgorod-Volchansk-Melovoy (que busca estabelecer uma zona-tampão, como afirmou Putin), com o Comando Operacional do Norte; e o Esforço Operacional Secundário Defensivo em Zaporizhia-Kherson, com o Comando Operacional do Dnieper, que busca atrair reservas ucranianas ameaçando Zaporizhia.

O Esforço Operacional Naval Secundário no qual a Rússia disputa o controle do noroeste do Mar Negro e executa fogos operacionais a partir desse mar com duas Forças-Tarefa Navais de seis e cinco navios, dois ou três submarinos operando nos Mares Negro, Azov e Cáspio, e elementos de Operações Especiais.

No Domínio Aeroespacial: A Rússia está desenvolvendo uma Contraofensiva Aérea a leste do Dnieper e Kursk, destruindo sistemas de defesa aérea, bases aéreas e aeronaves, alcançando a superioridade aérea nessa área enquanto disputa a mesma a oeste do rio mencionado. Enquanto isso, elementos aeroespaciais designados para comandos operacionais estão executando Apoio Aéreo Aproximado (AAC), Interdição Aérea Tática (TAI) ou Neutralização das Defesas Aéreas Inimigas. Tudo isso é apoiado por fogos operacionais com o objetivo de isolar a zona de combate, atacando tropas fora da zona de combate do Teatro de Operações, infraestrutura ferroviária, bases aéreas, infraestrutura energética e indústrias de defesa.” Isso conclui o relatório sério e profissional do coronel Duran.

NOVIDADES NOS CAMPOS ESTRATÉGICO E POLÍTICO

Após a interferência dos líderes do Reino Unido e da UE com Trump e Zelensky, a perspectiva de uma reunião trilateral sobre um acordo de paz está desaparecendo. Isso também ocorre porque o presidente dos EUA deixou claro ao presidente ucraniano que Kiev terá que fazer concessões territoriais a Moscou, mas Zelensky continua a fazer declarações contrárias para agradar aos ditadores ocidentais que o apoiam e desejam um conflito total.

Os Estados Unidos renovaram o fornecimento de mísseis de longo alcance para Kiev, mas com a condição de que não sejam usados em solo russo. A Casa Branca aprovou a venda de 3.350 Mísseis de Alcance Estendido (ERAM) para a Ucrânia, e eles devem chegar às Forças Armadas ucranianas em seis semanas.

O *Wall Street Journal* escreve sobre isso, citando fontes. Observa que a permissão de Washington será necessária para o uso dos mísseis, dado seu alcance de até 450 km.

Segundo o jornal, o custo do novo pacote chega a US\$ 850 milhões (mais de 68 bilhões de rublos), a maior parte dos quais foi custeada pela Europa. De acordo com fontes do *Journal*, as autoridades americanas não autorizaram Kiev a realizar ataques com ATACMS desde o final da primavera.

A INCERTEZA CONTINUA

Declarações de Zelensky e de líderes europeus, enfatizadas pela grande mídia ocidental financiada pelo círculo especulativo de senhores da guerra da OTAN que orquestraram o sangrento golpe de 2014 em Kiev que deu início a tudo, parecem estar caminhando nessa direção, efetivamente apagando o enorme progresso alcançado na cúpula do Alasca entre o presidente russo Vladimir Putin e o presidente americano Donald Trump.

Vejamos alguns pontos-chave dessa manobra para “sufocar” a paz:

A União Europeia doou mais € 4 bilhões em contribuições europeias à Ucrânia. A OTAN está disposta a aumentar a ajuda militar a Kiev e se prepara para uma guerra direta contra a Rússia.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, disse na última segunda-feira que Kiev pretende obter pelo menos US\$ 1 bilhão por mês de seus aliados para comprar armas americanas para seu esforço de guerra contra a Rússia.

Ele fez essa declaração durante um *briefing* conjunto em Kiev com o primeiro-ministro norueguês, Jonas Gahr Store, onde também afirmou que a Noruega poderia contribuir para as garantias de segurança da Ucrânia em relação à defesa aérea e à segurança marítima. No último domingo, o vice-presidente dos EUA, J. D. Vance, afirmou que a Rússia tem sido “flexível” e feito “concessões significativas” em algumas demandas importantes como parte das negociações para encerrar a guerra, incluindo aquelas relacionadas às garantias de segurança dos EUA e da Europa.

“Eles reconheceram que não serão capazes de estabelecer um regime fantoche em Kiev. Essa foi, obviamente, uma demanda importante no início. E, mais importante, reconheceram que haverá garantias de segurança para a integridade territorial da Ucrânia”, disse Vance no domingo no programa de entrevistas *Meet the Press* da NBC News.

No entanto, o Ministério das Relações Exteriores da Rússia declarou que rejeita “categoricamente” a possibilidade de “um contingente militar com a participação de países da OTAN” dentro da Ucrânia.

Como afirmamos no Velho General, para alcançar uma força de “garantia”, ambas as partes em conflito devem concordar sobre como, quem e quantos países comporão esse elemento, que, pela lógica mais básica, deve ser “neutro e imparcial” para a paz de ambos os lados. A Argentina poderia participar dessa força de e para a paz?

Enquanto isso, a Incalaperra (segundo Martin Fierro) está sempre metendo o pé na porta... “A Grã-Bretanha busca uma guerra direta contra a Rússia”, diz-nos um diplomata da UE próximo de Zelensky, alertando a Ucrânia e a Europa sobre uma catástrofe iminente.

A Grã-Bretanha busca ativamente uma guerra direta com a Rússia. Esta declaração não vem de um observador russo, nem de um observador neutro que tenha se lembrado de todos os ataques terroristas perpetrados ou planejados pelo regime de Kiev na Rússia com o apoio da inteligência britânica. Vem de um amigo do presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, o ex-embaixador polonês em Kiev, Bartosz Cichocki, que sabe muito bem que, em caso de um conflito direto entre Londres e Moscou, toda a nação ucraniana seria devastada e, com isso, outras nações vizinhas, como a Polônia, poderiam sofrer consequências devastadoras.

OUTRA OPINIÃO COM A QUAL CONCORDAMOS E QUE NÃO DEVEMOS DESCARTAR

A ideia de um encontro direto entre Volodymyr Zelensky e Vladimir Putin (para nós, muito difícil por enquanto), mais uma vez impulsionada por Ancara, demonstra a determinação da Turquia em permanecer como um ator-chave. Seja Istambul ou outra capital escolhida, a Turquia pretende manter seu papel de moderadora do processo de paz. Erdogan se apresenta como o único líder capaz de dialogar com todos, oferecer garantias de segurança e equilibrar os interesses das grandes potências. Em um momento em que a Europa parece dividida e subordinada à estratégia dos EUA, a Turquia capitaliza sua posição geográfica e diplomática.

Um fator-chave, pouco notado pelos analistas: o futuro da guerra na Ucrânia e a segurança no Mar Negro não dependerão apenas de decisões tomadas em Washington ou Moscou.

Dependerá também necessariamente de Ancara. Erdogan entendeu que sua força não reside apenas no poder militar, mas em sua capacidade de se posicionar como ator indispensável em qualquer cenário. Entre a OTAN e a Rússia, entre interesses energéticos e rotas comerciais, a Turquia criou um espaço de manobra que lhe permite superar muitos países europeus. O risco é que esse equilíbrio precário se transforme em instabilidade, mas, por enquanto, Erdogan alcançou o que buscava: ser reconhecido como o interlocutor incontornável.

Enquanto isso, a “longa e irrestrita guerra” continua e, por enquanto, a única verdade é a realidade.

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
